

Funaro nos trouxe a bússola?

E então, o que é que vai acontecer agora?

Esta a grande pergunta no momento em que o homem regressa da sua grande viagem ao Oriente. Como de um novo Marco Polo a tribo brasileira espera de Funaro muitas e maravilhosas histórias — que sejam tão objetivas, instrutivas e até revolucionárias para os nossos tempos quanto as do viajante genovês.

Até o momento, ao que constava ontem na praça de São Paulo, tudo o que ele ouviu não foi propriamente bom, nem novo. Vá cantar em outra freguesia — teriam dito os solenes senhores das finanças mundiais, ou seja, vá acertar as contas com os bancos primeiros, que são seus verdadeiros e diretos credores.

Por isso Francisco Gros foi despachado para Nova York: para iniciar a conversa que já poderia ter iniciado não fosse a necessidade de, primeiro, haver uma grande mis-en-scène internacional. Convénhamos, o que faltava às autoridades da Velha República, além de algumas qualidades básicas e universais, era esse talento para a arte dramática, para a ribalta, para o jogo de cena.

Enquanto isso, algumas atrapalhações menores andaram ocorrendo na praça de Nova York. Por exemplo, os bancos brasileiros pagam seus débitos em dólares em dia. Só que não diretamente. Pagam ao Banco Central e este, depois, liquida com o credor americano. Mas, como a máquina do BC não estava muito azeitada para esta tarefa, aliás, desnecessária em condições normais, o acerto final leva alguns dias. Quem paga os juros desses dias? O devedor brasileiro não pode ser, é claro. Ele pagou legalmente em dia. Mas, perante o banco americano ele continua em débito e portanto é o devedor. Coisitas como esta fazem parte da missão esclarecedora e regulatória de Francisco Gros, além, evidentemente, da desagradável tarefa de conversar com o comitê de bancos, cujo mau humor e irritação alcançam já as proporções das duas torres do World Trade Center.

Mário Henrique Simonsen, que conhece os homens lá fora, me assegura que apesar disso nada de dramático vai acontecer. Os principais credores do Brasil deverão renovar normalmente no dia 31 de março as linhas de crédito de curto prazo. O problema será, como sempre, conter os menores. E desta feita alguma fuga será inevitável. Quanto? Ça depend. Pode ser de uns dois bilhões de dólares, no total de 15 bilhões de créditos de curto prazo. E aí? Aí o seguinte: ou os bancos maiores assimilam a responsabilidade e se restabelece o total, por conta deles, ou o volume de créditos de curto prazo — comerciais e interbancários — fica um pouco menor. Como ninguém ainda sabe o que vai acontecer exatamente, isso explica por que as importações estão muito mais lentas e por que alguns exportadores estão tendo dificuldades em conseguir financiamentos em moeda estrangeira que até há pouco eram simples e praticamente automáticos.

Bancos particulares brasileiros já estão conseguindo, dos seus counterparts americanos, independentemente dos acertos ou desacertos do governo brasileiro, renovação dos seus fundings até o final de junho, ou seja, por mais 90 dias. Quer dizer, nada de novo na frente ocidental, como dizia um filme antigo.

Mas, ao retornar, Funaro encontra novidades talvez mais eletrizantes até do que as que ele próprio tenta trazer: a Marinha ocupou os portos, o Exército ocupou as refinarias de petróleo e os agricultores ocuparam cidades e estradas com suas máquinas. Marco Polo nos trouxe, da China, a bússola. Deu rumos ao Ocidente. Nunca mais, depois dele, as pessoas tiveram motivos para se desorientar. Quem sabe, quem sabe? Seu descendente poderá operar o mesmo milagre? Por que imaginar que ele tenha apenas a vocação de desorientador de rumos e avariador de bússolas? Leitores de pouca fé...

No momento há dois tipos, basicamente, de empresários no Brasil: aqueles que têm dívidas e estão sendo esmerilhados pela subida dos juros. E aqueles que não têm dívidas; portanto, têm dinheiro, e estes estão sendo esmerilhados pela subida da inflação. Nem um dos dois grupos tem bússola para acertar o próprio rumo. E ambos estão vendo sua capacidade de investimento diminuir.

Podemos afirmar que é uma situação temporária, passageira?

Tem de ser, evidentemente. E este talvez tenha sido o único aspecto positivo desse golpe ousado que foi a suspensão do pagamento dos juros externos: criou um quadro que impõe respostas e soluções relativamente rápidas, boas ou más. Um quadro que por definição não pode se tornar crônico — é necessariamente agudo. Volto a repetir: dentro de algumas semanas saberemos se o Brasil, com sua atitude, vai mudar a história das finanças mundiais, ou se o mundo financeiro é que mudará a história do Brasil. No interregno, todo mundo que vive no comércio e na indústria sabe o que acontecerá e já está acontecendo: uma queda do movimento, das atividades e do emprego. A duração e a intensidade dessa retração é que vai determinar se ela terá ou não terá efeitos políticos significativos.

Um deles, a duração do ministério e do próprio mandato presidencial.